

“Plic-Plic... um barulho da chuva”: Reflexões sobre práticas criativas na escola básica

Comunicação

Lia Viégas Mariz de Oliveira Pelizzon
Universidade do Estado de Santa Catarina
liapelizzon@gmail.com

Viviane Beineke
Universidade do Estado de Santa Catarina
vivibk@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um projeto criativo-musical desenvolvido com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola do município de Florianópolis/SC, que teve como temática a sonorização de histórias, utilizando o livro “Plic-Plic... um barulho da chuva” da autora Liliana Iacocca. Esta prática está inserida em projeto de pesquisa em andamento que tem como objetivo investigar as dimensões e articulações teórico-metodológicas implicadas nos processos de ensino criativo e de aprendizagem musical criativa. De natureza qualitativa, a pesquisa incluiu o planejamento e o acompanhamento de um projeto criativo-musical, sendo realizados registros audiovisuais das aulas pela equipe de pesquisa. Com base no referencial teórico a aprendizagem criativa na educação musical, são discutidas questões referentes ao papel do professor nesse processo, a importância de as crianças trabalharem colaborativamente, as discussões e os conflitos que geram as decisões coletivas e as funções da apresentação e da análise/crítica das composições entre os alunos.

Palavras chave: Aprendizagem Criativa, Escola Básica, Sonorização de histórias.

Introdução

Práticas criativas vêm sendo progressivamente valorizadas na educação musical brasileira (BEINEKE, 2009; BRITO, 2007; FONTEERRADA, 2015) sob diferentes enfoques e abordagens. Além disso, pesquisas têm enfatizado a importância de as crianças terem espaço para tomar decisões e desenvolver a imaginação de maneira criativa (WOOD, 2010; BRITO, 2007; BEINEKE, 2009, 2011a; VISNADI; BEINEKE, 2016). No entanto, as práticas musicais criativas não estão consolidadas nos espaços escolares brasileiros (FONTEERRADA, 2015). Diante disso, nos perguntamos porque os resultados de tais estudos têm se refletido timidamente nas práticas de educação musical. De um lado, a complexidade do tema e a diversidade de abordagens teóricas

parece dificultar a articulação desses conhecimentos na prática pedagógica e, de outro, muitas pesquisas não contemplam a multidimensionalidade dos processos de ensino e de aprendizagem em sala de aula.

Considerando essa problemática, esta comunicação focaliza o planejamento e o acompanhamento de um projeto criativo-musical desenvolvido em uma turma de 2º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Florianópolis/SC. Esta prática está inserida em projeto de pesquisa em andamento que tem como objetivo investigar as dimensões e articulações teórico-metodológicas implicadas nos processos de ensino criativo e de aprendizagem musical criativa. Elaborando e desenvolvendo esses projetos na escola, buscamos construir um movimento que parte da teoria para a prática e da prática para a teoria, em processos de teorização da prática e, ao mesmo tempo, de teorias que se transformam em práticas (WATSON; CRAWFORD, 2015).

Aprendizagem criativa: um referencial em construção

O referencial teórico da pesquisa vem sendo refletido num processo em que procuramos construir um ciclo que parte dos estudos sobre a aprendizagem criativa para a elaboração dos planejamentos, passando à prática em sala de aula, cujos registros produzem dados que nos permitem rever e ampliar fundamentos teóricos e metodológicos para a educação musical. Na abordagem da aprendizagem criativa, o ensino de música, enfatiza: (a) o envolvimento dos alunos na experimentação, inovação e invenção e (b) a investigação intelectual, isto é, a aprendizagem da música enquanto área de conhecimento.

A reflexão sobre a prática educativa por meio da realização de pesquisas que busquem compreender e valorizar as perspectivas das crianças em relação aos seus processos criativos é defendida pelo ponto de vista da aprendizagem criativa, abordagem que se situa entre o ensino criativo e o ensino para a criatividade. Se no ensino criativo o foco está no processo formativo do professor, o ensino para a criatividade enfoca o aluno em seu processo de aprendizagem. Já a aprendizagem criativa busca investigar as práticas em sala de aula e refletir sobre estas práticas, compreendendo as perspectivas dos professores e também dos alunos.

Mudança importante nessa abordagem é a função atribuída ao conhecimento, reconhecendo que a criatividade ocorre dentro de domínios específicos. Em vez

de a criatividade ser pensada como um conjunto de habilidades cognitivas ou traços de personalidade, entende-se que as pessoas são criativas dentro de áreas específicas do conhecimento, necessitando aprofundar esses conhecimentos para que a criatividade possa emergir. (BEINEKE, 2012, p. 49-50)

Sob essa óptica, mais do que focalizar a aprendizagem musical relacionada a estágios ou idades, Burnard (2006) propõe que as pesquisas concentrem-se nas práticas musicais em que a criatividade musical emerge. Dessa forma, busca-se compreender a gama de práticas culturais, qualidades de interação e relações entre os indivíduos e seus ambientes sociais. O próprio fazer musical das crianças, como apontou a autora, está conectado às práticas musicais a que elas têm acesso, cabendo ao processo educativo ampliar essas possibilidades de acesso e sua compreensão. Nesta mesma direção, Wood (2010) argumenta:

Nas teorias socioculturais, o desafio para as crianças (na verdade, para todos que aprendem) está no modo como transitam entre diferentes comunidades e práticas e no modo como, a partir de um repertório oriundo de prática cultural, agem em diferentes contextos. Elas, também, têm de saber ouvir e observar, a fim de negociar seus caminhos em contextos e práticas diferentes, entender regras, papéis, rituais e expectativas. Observando e ouvindo as crianças, os educadores podem ir além de uma performance limitada no que diz respeito às tarefas individuais [...], entendendo seus repertórios de participação em uma ampla série de atividades. (WOOD, 2010, p. 145)

Tendo como temática a sonorização de histórias, o planejamento do trabalho analisado nesta comunicação foi desenvolvido com base no ciclo da aprendizagem criativa (BEINEKE, 2009), buscando integrar composição, apresentação e análise e crítica das produções musicais. Nesta abordagem, cada uma destas atividades desempenha importante função no processo educativo, propondo também que as crianças desempenhem o papel de compositoras, performers e críticos musicais em sala de aula. Neste projeto, o conceito de composição, está sendo compreendido de forma ampla, incluindo pequenas improvisações ou outras elaborações musicais das crianças que impliquem em processos de tomada de decisão musical, com ou sem algum tipo de representação escrita.

Nesse ciclo, as atividades de composição integram a exploração, a experimentação e a imaginação, permitindo a atualização das ideias de música das crianças em um contexto de negociação de ideias, de tomada de decisões e de papéis sociais. A partir da composição em pequenos grupos, são atribuídos sentidos entre a música que os alunos vivenciam fora da escola

com a música presente em sala de aula, fortalecendo a construção da identidade de grupo (BEINEKE, 2009).

O momento de apresentação das composições, segundo Beineke (2009), permite que as ideias de música construídas pelos grupos sejam afirmadas, conferindo responsabilidade e seriedade às produções dos alunos que, estando ora como artistas e ora como plateia, têm a oportunidade de serem reconhecidos pelos seus colegas, experienciando o “mundo dos músicos”. Sabendo que estão sendo avaliados pelos colegas, as crianças criam expectativas e são desafiadas.

A crítica musical refere-se ao espaço que as crianças têm para discutir e avaliar as produções e refletir sobre as práticas realizadas durante o processo de composição e apresentação. Deste modo, são agregados sentidos e valores às composições elaboradas pela turma e permite a participação das crianças, onde, a partir do julgamento dos trabalhos dos colegas, elas constroem intersubjetivamente os critérios da prática musical em sala de aula. Neste sentido, o papel do educador é de administrar e mediar as relações entre os alunos, buscando estabelecer um ambiente de participação, de respeito e de colaboração, valorizando as práticas musicais das crianças. (BEINEKE, 2009).

O projeto de pesquisa e seus caminhos metodológicos

Como citado acima, o trabalho aqui analisado está circunscrito ao projeto de pesquisa Práticas Criativas em Educação Musical: interfaces teóricas e metodológicas, que tem como objetivo investigar as dimensões e articulações teórico-metodológicas implicadas nos processos de ensino criativo e de aprendizagem musical criativa, a partir do planejamento e acompanhamento de projetos criativo-musicais em sala de aula. Como objetivos específicos, busca-se desenvolver estratégias metodológicas para a realização de práticas criativas em diferentes contextos de educação musical, compreender e analisar os processos de ensino e aprendizagem implicados na realização de projetos criativo-musicais em sala de aula e compreender os saberes musicais e pedagógicos dos/as professores/as envolvidos nas conduções das práticas musicais criativas. A partir de estudos teóricos, estes projetos criativo-musicais são elaborados e executados por professores de música que participam do projeto e

que atuam na educação básica em escolas públicas e/ou privadas. Bolsistas de iniciação científica, alunos do curso de Licenciatura em Música e do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) também integram a equipe do projeto colaborando com o planejamento, execução e análise das práticas¹.

Durante os encontros da equipe de pesquisa, realizados a cada 2 semanas, são realizadas discussões a partir de textos que abordam os eixos teóricos investigados, sendo eles os estudos sobre a aprendizagem e o ensino criativos, a ação e a prática reflexiva no desenvolvimento profissional e as comunidades de prática e de aprendizagem musical. Os professores que desejam desenvolver um projeto criativo-musical em sua escola, elaboram seus planejamentos a partir das concepções e conceitos discutidos nos encontros, sendo este planejamento discutido pela equipe, pensando colaborativamente o projeto. A partir destas ações, o projeto visa contribuir na elaboração de fundamentos teóricos e princípios metodológicos que favoreçam o desenvolvimento musical criativo e fortaleçam a educação musical no país.

Uma das participantes da pesquisa, professora Luiza, desenvolveu os primeiros projetos criativo-musicais com a equipe no 4º bimestre do ano de 2016 na escola em que leciona, situada na região do norte da ilha de Florianópolis. Um dos projetos teve como tema a sonorização de histórias e foi realizado em 4 encontros com uma turma de 2º ano do ensino fundamental nas últimas semanas do ano letivo. A proposta foi desenvolvida em um período de quatro aulas com duração de 1h30min cada. Esta turma era composta por 26 alunos, sendo 12 meninas e 14 meninos, com idade entre 7 e 9 anos que já haviam tido aula de música no ano anterior na escola com esta mesma professora, porém, foi a primeira vez que a professora desenvolveu um planejamento tendo como base os fundamentos da aprendizagem criativa. Cabe aqui ressaltar que a escola possui uma sala de música ampla e equipada com instrumentos musicais variados (percussão, violões, teclado e flautas), projetor de vídeo, caixas de som, microfone, dentre outros.

Para esta análise, serão utilizados registros audiovisuais das aulas, documentos do projeto de pesquisa Práticas Criativas em Educação Musical: interfaces teóricas e metodológicas

¹ Dados obtidos através de documentos referentes ao projeto de pesquisa Práticas Criativas em Educação Musical: interfaces teóricas e metodológicas, vinculado a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

a partir do qual foi elaborada proposta do projeto criativo-musical, e o planejamento utilizado pela professora em suas aulas².

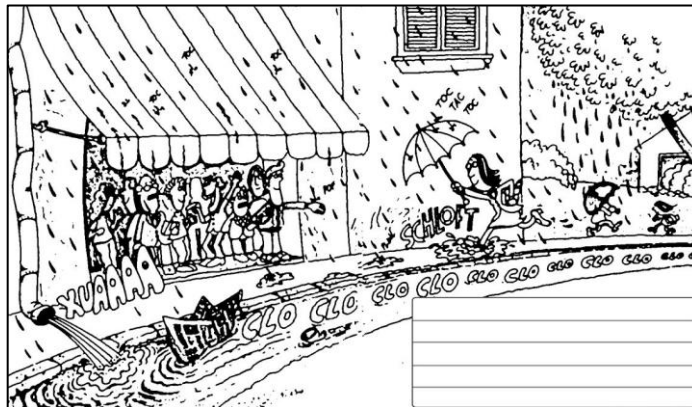
Escrita e sonorização de histórias: o trabalho em sala de aula

Para o projeto da professora Luiza foram selecionados dois títulos da coleção Tóc Tóc da autora Liliana Iacocca (Editora Ática). Livros desta mesma coleção também foram utilizados por Bergmann e Torres (2009), apresentando possibilidades de interlocução entre obras de literatura infantil e a música em diferentes contextos. Segundo as autoras, os livros desta coleção possibilitam a exploração e criação sonora a partir do texto e das ilustrações, convidando os leitores à experimentação sonora e composição de uma trilha sonora. Elas destacam que os livros e textos carregam em si uma significação singular, onde cada grupo, ao ser convidado a desenvolver um trabalho a partir dos livros, sonoriza as histórias de maneira singular.

Para uma primeira aproximação com a proposta do projeto foi escolhido o livro “Fom-fom... um barulho da cidade”, pois a escola está situada em uma área urbana, trazendo sonoridades com as quais os alunos estão bem familiarizados. O segundo livro, “Plic-plic... um barulho da chuva”, também foi digitalizado, porém este passou por um processo de edição, sendo retirado o texto e, em seu lugar, foram inseridas linhas para que os alunos pudessem escrever suas próprias histórias (Figura 1). As páginas também não foram numeradas, para que as crianças pudessem estabelecer a sequência da história.

FIGURA 1 – Folha do livro *Plic-Plic... um barulho da chuva* editado

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CAAE N. 55091416.6.0000.0118) e, deste modo, os alunos que venham a fazer parte da pesquisa e seus respectivos pais e/ou responsáveis devem assinar o termo de assentimento, de consentimento e de direitos de imagem. Com a documentação devidamente assinada, iniciou-se a execução dos projetos.



Fonte: Arquivo do Projeto

O conjunto do projeto incluiu um passeio pelo entorno da escola, buscando sensibilizar as crianças à paisagem sonora com a qual convivem cotidianamente; a realização de uma improvisação coletiva a partir da exploração de sonoridades da história “Fom-fom... um barulho da cidade”; a elaboração, em pequenos grupos, da história para o livro “Plic-plic... um barulho da chuva”, que foi apresentado às crianças sem o texto original e em preto e branco; a sonorização da história pelos grupos e, por fim, a apresentação aos colegas e análise dos trabalhos produzidos. Tal processo é detalhado a seguir.

Na primeira aula a professora levou a turma para dar uma volta no entorno da escola e os alunos deveriam prestar atenção nos sons que surgiam no decorrer do passeio. Durante o percurso, a professora deixou seu celular gravando áudio e passando por todos os alunos. Ao voltar para a escola, a professora colocou a gravação para os alunos ouvirem, porém não foi possível escutar os sons de todo o passeio pois grande parte dos alunos obstruíram, involuntariamente, o microfone do celular impedindo a gravação. Após a tentativa de apreciação, ocorreu uma conversa sobre a experiência dos alunos com os sons do ambiente.

Na segunda aula, a professora levou o livro “Fom-fom... um barulho da cidade” (IACOCCA, 2011) digitalizado e o apresentou aos alunos utilizando um projetor de imagens. Os alunos e a professora leram e sonorizaram a história em conjunto, utilizando sons corporais e vocais com a finalidade de aproximar os alunos da literatura e compreender o significado da sonorização de histórias.

Na segunda metade da aula, o livro “Plic-plic... um barulho da chuva” (IACOCCA, 1995) foi entregue em folhas separadas para os grupos definirem a ordem de suas histórias e colorirem

de acordo com seus gostos. A seguir, foi explicado aos alunos a proposta da sonorização de histórias em pequenos grupos de 5 ou 6 alunos. A resposta dos alunos quando tiveram que se organizar em grupos foi imediata, através das expressões faciais e dos gestos das crianças, em todos os grupos foi possível perceber que aquele processo estava sendo prazeroso e divertido. As crianças estavam lidando com aquela proposta como se fosse uma brincadeira na qual elas podiam se expressar e imaginar. Como os alunos foram convidados a se dividirem em pequenos grupos, eles puderam escolher com quem iriam trabalhar. Este processo de composição em pequenos grupos proporciona um maior envolvimento entre as crianças por diversos motivos, segundo Beineke (2011b):

[...] porque atende ao interesse de tocar instrumentos; pela oportunidade de trabalhar com os colegas; pelo desafio de inventar as próprias músicas e trabalhar com autonomia. No processo de compor em pequenos grupos, as crianças também atribuíram sentido às experiências musicais vividas dentro e fora da escola, expressando suas idéias de música e construindo sua identidade no grupo. (BEINEKE, 2011b, p. 236)

Na aula seguinte, já com os grupos devidamente organizados e com as histórias quase prontas, os alunos finalizaram a parte escrita do livro, terminaram de pintar, organizaram a história na ordem escolhida e começaram a explorar os sons dos instrumentos musicais disponíveis na sala de música. Como os alunos estavam divididos em 5 grupos, a professora permitiu que os alunos utilizassem também outros espaços da escola, como o jardim, o corredor e o refeitório, pois uma das características deste processo de ensino-aprendizagem em pequenos grupos é o barulho.

Inicialmente, a professora disponibilizou todos os instrumentos musicais para que os alunos buscassem a sonoridade que eles quisessem utilizar na história e depois, ela recolheu os instrumentos que os alunos não quiseram utilizar e, então, eles começaram o processo de sonorização das histórias. Cada grupo escolheu um conjunto instrumental diferente e, um dos grupos utilizou também um elemento externo à aula de música, um macaco de pelúcia que emitia um som que tinha a finalidade de iniciar a sonorização. Este mesmo grupo teve a ideia de criar uma música para a história a partir de um motivo musical executado por uma integrante do grupo durante a exploração.

Um aspecto observado em todos os grupos foi a escolha do narrador da história. Um dos grupos tentou dividir a narração, mas perceberam que era melhor ser apenas uma pessoa contando a história para que os outros cuidassem apenas da sonorização. Porém, para os grupos não ficarem sem seus instrumentistas, os próprios alunos convidaram colegas de outros grupos para participar como substituto do colega ausente.

No dia da apresentação final, a professora, utilizando o projetor de imagens, projetou os livros que os alunos fizeram para que eles pudessem ver a história pronta, como um livro, com as páginas coloridas, a escrita e a organização que cada grupo definiu. Os alunos também contaram com o auxílio de um microfone para que todos conseguissem ouvir o narrador claramente. A apresentação dos grupos foi a última aula de Música do ano, por esse motivo, não houve uma conversa final com os alunos sobre o projeto desenvolvido por falta de tempo.

A professora e as crianças: um olhar para os processos e negociações em sala de aula

Para a discussão dos dados, serão apresentadas reflexões sobre o papel da professora e seu grau de interferência no processo de composição dos grupos; a importância de as crianças não terem um olhar adulto no desenvolvimento da proposta; os conflitos como geradores de decisões coletivas; as funções da apresentação e da crítica/análise por parte dos alunos, com base nas pesquisas de Craft (2010), Beineke (2011^a, 2011^b), Burnard (2006) e Visnadi e Beineke (2016) sobre aprendizagem criativa.

Para o desenvolvimento da composição das histórias, os alunos se dividiram em pequenos grupos sem a interferência da professora, tendo a liberdade de escolher com quem realizar o trabalho, se reunindo, possivelmente, por afinidades. Se por um lado os alunos têm mais liberdade e espaço para poderem desenvolver suas ideias musicais entre pares, por outro a professora precisa transitar entre os grupos, não se fazendo presente a todo momento para todos os alunos. De acordo com a professora, em um relato em uma reunião do grupo de pesquisa, esta foi a maior dificuldade enfrentada durante o projeto criativo-musical. Desenvolver um planejamento de aula cujas estratégias de ensino e aprendizagem não são habituais não é tarefa fácil, porém, analisando este fato por outra perspectiva observa-se que, quando o

professor não se faz presente a todo o momento com os alunos ele interfere o mínimo possível na composição dos alunos, colaborando para que os alunos manifestem suas próprias ideias.

Os momentos de discussão, de questionamento, de conexões, de pensar possibilidades e explorar ações aconteceram, pois, a professora agiu como uma facilitadora da aprendizagem, buscando interferir o mínimo possível no processo composicional das crianças. Ao conversar com um grupo de alunas que não estavam concordando entre si sobre como iriam contar a história e sonorizar ao mesmo tempo, a professora pediu para cada aluna expor sua opinião para o grupo com o fim de todas chegarem a um acordo, sem a necessidade de impor ou decidir por elas. Desta forma, as crianças tomam decisões e interagem entre seus pares e se engajam na proposta de trabalho. Conforme Beineke (2011a, p. 101) “Assim, a aprendizagem ocorre, segundo as crianças, quando elas têm o controle sobre a sua própria aprendizagem”.

No decorrer da exploração dos instrumentos musicais, notou-se que os alunos estavam engajados a encontrar os sons que fossem adequados para suas histórias. Inicialmente, a professora deixou todos os instrumentos a disposição e, após disponibilizar este tempo de descoberta, circulou de grupo em grupo perguntando quais instrumentos os alunos haviam escolhido para utilizar e guardando os que não fossem necessários.

A atuação da professora diante dos grupos e do processo de composição se relaciona com o conceito de Craft (2010) de possibilitar um ambiente capacitador. Esta liberdade proporcionada pela professora e, ao mesmo tempo, a estruturação existente por meio do planejamento do projeto criativo-musical e dos eventuais questionamentos gera um ambiente que estimula a autoestima e autoconfiança na relação lúdica entre as crianças e os professores. (CRAFT, 2010, p. 127). O fato da professora procurar não interferir nas decisões musicais dos alunos propiciou maior autonomia aos alunos, abrindo espaço para os alunos tomarem decisões em grupo, durante o processo de compor, na escrita da história, e na escolha dos instrumentos musicais.

Em todos os grupos foi possível perceber que houveram momentos conflituosos nos quais os grupos precisaram tomar decisões colaborativamente. As discussões ocorridas durante o processo de composição musical muitas vezes ocorrem principalmente pelo fato da atividade proposta não ser comum àquelas crianças, gerando polêmicas, conforme apontam Visnadi e Beineke (2016):

As composições que se distanciam das ideias de música correntemente aceitas na turma tendem a provocar polêmicas ou discussões que acionam a transformação e, conseqüentemente, a ampliação das ideias de música das crianças. E essa desestabilização [...] favorece a aprendizagem criativa. (VISNADI; BEINEKE, 2016, p. 82)

Nesta perspectiva, observou-se que a maioria destes conflitos que geravam as tomadas de decisões eram originados por ideias que os membros do grupo apresentaram, tal como propor que um instrumento faça o som do vento ou um som para ser tocado em determinado momento da história. Estes momentos de formulações de ideias, Craft (2010) denomina de “pensamento de possibilidades”, se constituindo como meio na qual são realizadas perguntas, onde as questões iniciais surgem e se buscam possibilidades de resolução.

O pensamento de possibilidades, então, envolve uma mudança do reconhecimento (ou seja, do “o que é isto?”) para a investigação (ou seja, “o que posso/podemos fazer com isto?”). Envolve a descoberta e maior compreensão dos problemas, bem como sua resolução [...]. (CRAFT, 2010, p. 122)

A apresentação das produções entre os colegas corrobora para o reconhecimento das produções dos alunos como “práticas musicais socialmente legitimadas” (BEINEKE, 2011b, p. 240). O fato das crianças se apresentarem para os colegas em sala de aula proporciona uma relação entre as vivências externas à sala de aula e suas experiências como artistas, onde são socialmente valorizadas e se relacionam com o “mundo dos músicos” (BEINEKE, 2009), conhecidos por elas a partir dos meios de comunicação.

Com base no ciclo da aprendizagem criativa, após a apresentação para os colegas ocorre o momento de crítica/análise das produções dos alunos. Nas considerações de sua pesquisa sobre composição musical realizada com crianças, Burnard (2006) afirma que as crianças têm prazer em falar sobre suas composições, tanto no que se refere ao processo criativo quanto ao produto final. Como professores e como pesquisadores, devemos ouvir o que os alunos têm a dizer, valorizando suas perspectivas e possibilitando seu desenvolvimento no que se refere a falar sobre suas composições e de si mesmos como compositores. De acordo com a autora:

Como pesquisadores e professores, precisamos ajudá-los a desenvolver um idioma para falar sobre compor e sobre si mesmos como compositores. Eles precisam sentir que é legítimo que eles contribuam ativamente nas discussões sobre conceituações de composição, experiências de composição infantil e as

transformações que ocorrem em suas relações com a composição. Para que as crianças tenham seus sentidos próprios de engajamento composicional e se vejam como compositores, precisamos repensar a forma como vemos as crianças comporem. Somente falando em consideração a localização sociocultural e multifacetada das crianças que compõem, podemos conhecer e entender adequadamente o significado das crianças como compositores. (BURNARD, 2006, p. 127-128, tradução nossa)

Como a pesquisa foi realizada em contexto escolar, onde podem ocorrer interferências no que se diz respeito ao tempo e espaço, foram necessárias adaptações no planejamento do projeto. Em consequência disso, não houve a possibilidade de realizar uma conversa final com os alunos pois, conforme dito anteriormente, a apresentação final ocorreu no último dia do ano letivo, não restando tempo para um feedback no qual eles pudessem expor os aspectos relevantes e significativos do processo de composição a partir de seus pontos de vista. A observação realizada pelo pesquisador oferece limitações quanto ao entendimento do professor em relação aos significados musicais que os alunos estabelecem às suas produções. Diante disso, Beineke (2011) argumenta que ouvir o que os alunos têm a dizer sobre seus processos composicionais e avaliar as produções dos colegas possibilita a compreensão das ideias musicais que se atribuem individualmente e intersubjetivamente na sala de aula.

Considerações finais

Considerando o trabalho realizado, notou-se que as crianças se organizaram colaborativamente, expondo suas ideias para o grupo e tomando decisões em conjunto. O papel da professora nesta abordagem se mostrou ser de um facilitador da prática educativa, buscando interferir o mínimo possível durante o processo, oferecendo liberdade e, ao mesmo tempo, estruturação para que os alunos possam criar com autonomia e tomar decisões a partir de suas próprias concepções. Ressalta-se a importância do momento de análise do processo de composição com os alunos, onde as crianças podem expor os aspectos relevantes e significativos para eles com relação às suas produções e dos colegas.

Os momentos de composição, apresentação e crítica/análise, que compreendem o ciclo da aprendizagem criativa, oportunizam as crianças desempenharem diferentes papéis – serem

compositores, serem plateia, serem músicos e serem críticos –, se tornando responsáveis pela própria aprendizagem e os auxiliando na construção de sua própria identidade de grupo.

Destaca-se a importância de se investigar as práticas criativas em educação musical desenvolvidas com as crianças e de se refletir sobre estas práticas a partir da perspectiva dos próprios alunos e também dos professores. Dessa forma, é possível desenvolver estratégias metodológicas de ensino e aprendizagem que valorizem os discursos dos alunos e contribuam para a aproximação entre teorias e práticas no campo da educação musical escolar.

Referências

BEINEKE, Viviane. A composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 20, 19-32, set. 2008.

_____. **Processos intersubjetivos na composição musical de crianças: um estudo sobre a aprendizagem criativa**. 2009. 289 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 19, n. 26, p. 92-104, jan. jul. 2011a.

_____. Compor, apresentar e criticar música: o ciclo da aprendizagem criativa em um estudo de caso na educação musical escolar. In: 7º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO DE ARTES MUSICAIS, 7., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: Unb, 2011b. p. 231 - 242.

_____. Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 45-60, jan./abr. 2012.

BERGMANN, Leila M.; TORRES, Maria Cecília A. R.. Vamos cantar histórias? **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p.187-201, mai./ago., 2009.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. **Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BURNARD, Pamela. Understanding children's meaning-making as composers. In: DELIÈGE, Irène; WIGGINS, Geraint A. **Musical Creativity: Multidisciplinary Research in Theory and Practice**. Psychology Press: New York, 2006.

CRAFT, Anna. A criatividade e os ambientes da educação infantil. In: PAIGE-SMITH, Alice; CRAFT, Anna. In: **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 120-135

CRAFT, Anna. **Creativity in Schools: tensions and dilemmas** (London: Routledge, 2005).

CRAFT, Anna; CREMIN, Teresa; BURNARD, Pamela. Creative learning: an emergent concept. In: CRAFT, Anna; CREMIN, Teresa; BURNARD, Pamela. **Creative learning 3-11: and how to document it**. Sterling: Trentham Books Limited, 2008.

CREMIN, Teresa; BURNARD, Pamela; CRAFT, Anna. Pedagogy and possibility thinking in the early years. In: **International Journal of Thinking Skills and Creativity**, v.1, n.2, Outono 2006, p.108-119.

FONTEERRADA, Marisa. **Ciranda de sons: práticas criativas em educação musical**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2015, v. 1, 267p.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. **Revista da Abem**, n. 15, p. 67-79, 2006.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta**, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.

IACOCCA, Liliana. **Fom-fom... um barulho da cidade**. Ilustrações: Michele. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

IACOCCA, Liliana. **Plic Plic: um barulho da chuva**. Ilustrações: Michele. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

JEFFREY, Bob.; WOODS, Peter. **Creative learning in the Primary School**. London: Routledge, 2009.

MAFFIOLETTI, L. de A. **Diferenciações e integrações: o conhecimento novo na composição musical infantil**. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

TAFURI, Johannella. Processes and teaching strategies in musical improvisation with children. In: DELIÈGE, Irène; WIGGINS, Geraint A. **Musical Creativity: Multidisciplinary Research in Theory and Practice**. Psychology Press: New York, 2006.

VISNADI, Gabriela Flor; BEINEKE, Viviane. “De amizade, letras e ritmos”: ideias das crianças sobre a composição musical na escola básica. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n. 36, p. 71 – 84, jan. jun. 2016.

WATSON, Steven; CRAWFORD, Megan. Connecting Leadership, Professional Development and Affect. In: BURDARD, Pamela; APELGREN, Britt-Marie; CABAROGLU, Nese (Eds.). **Transformative Teacher Research: Theory and Practice for the C21st**. Rotterdam/Boston/Taipei: Sense Publishers, 2015, p. 73-86.

WOOD, Elizabeth. Ouvindo as crianças pequenas: múltiplas vozes, significados e compreensões. In: PAIGE-SMITH, Alice; CRAFT, Anna. **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 120-135.